

# A posse do arrocho

Geraldo Magela

Fernando Henrique assumirá segundo mandato sem pompa e sem multidões

Cerimonial exclui até a participação de autoridades de outros países

A primeira posse da História do Brasil de um presidente da República reeleito terá a marca da atual crise econômica provocada pelas fortes oscilações no mercado financeiro mundial. Os gastos com a festa e recepção de convidados estrangeiros entram na lista de corte de despesas do Governo, que é a prioridade deste início de segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele e seus assessores acham que não seria de bom tom comemorar a reeleição com ostentação, enquanto impõe sacrifícios financeiros à população e ao próprio Governo para tentar baixar as taxas de juros e evitar o aumento do desemprego. Também não seria uma boa vitrine internacional no momento em que o FMI e outras instituições financeiras liberam novos empréstimos ao Brasil.

A idéia é cumprir o protocolo oficial da posse de um Presidente da República, conforme decreto de 1972, e comemorar apenas com cumprimentos e coquetéis simples produzidos pela cozinha do



Ao contrário de 1995, quando sucedeu Itamar, Fernando Henrique não terá de quem receber a faixa

restaurante do Palácio do Planalto. Esta decisão foi consenso, numa reunião realizada há um mês durante o voo de volta da viagem do Presidente a Portugal, entre dona Ruth Cardoso, o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, o chefe do cerimonial da Presidência da República, embaixador Valter Pecly Moreira, e o chefe do cerimonial do Itamaraty, Frederico Araújo.

O Governo brasileiro não con-

vidará os chefes de Estado para assistir à posse, como acontece tradicionalmente. Desta vez, o Presidente tomará posse no Congresso Nacional no dia primeiro de janeiro (sexta-feira), como determina a Constituição, e receberá os cumprimentos dos cerca de 120 chefes de missões diplomáticas no dia quatro (segunda-feira), seguido de um coquetel. Este formato até o momento é consenso entre diplomatas que organizam a posse do Presidente e está

sendo considerado o mais simples desde a posse do ex-presidente Médici.

O ritual das posses anteriores começava nas vésperas com a entrega de credenciais das missões estrangeiras ao presidente que deixa o cargo e isso representava um custo aos cofres públicos com hospedagem, transporte, esquema especial de segurança organizado pela Polícia Federal, fiscalização da Receita Federal, além da mobilização de equipes

para recepcioná-los no Rio de Janeiro e São Paulo. No dia seguinte à apresentação das credenciais, os embaixadores e chefes de Estado compareciam à posse do Presidente no Congresso Nacional e dos ministros no Palácio do Planalto, seguida de uma festa no Palácio do Itamaraty para cerca de três a seis mil pessoas. Isso tudo foi cortado nesta segunda posse de Fernando Henrique.

## Faixa

Desta vez, o único ponto polêmico entre os diplomatas é o protocolo da entrega da faixa presidencial, criada em 1910. Como não há antecessor, a idéia inicial era que Fernando Henrique já saísse do Palácio da Alvorada vestido com a faixa, seguindo direto para o Congresso Nacional, onde tomará posse do seu segundo mandato. Porém, dona Ruth e o embaixador Valter Pecly defendem que a entrega da faixa presidencial é um protocolo do Poder Executivo e por isso não pode fazer parte da cerimônia no Congresso Nacional. O consenso então é que Fernando Henrique receberá a faixa no Palácio do Planalto das mãos do próprio embaixador Valter Pecly, que nos últimos anos está ao lado do Presidente em todos os eventos públicos. Esta faixa não é a mesma que Fernando Henrique recebeu do ex-presidente Itamar Franco em 1995.

Há três anos, a Alfaiataria Francesco, no Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, fez uma nova faixa nas medidas de Fernando Henrique. "A outra estava muito apertada e um pouco curta", lembra o embaixador Valter Pecly. A nova faixa atualizou o número de Estados representados por pequenos brilhantes nas armas da Presidência da República, bordadas com fios de ouro no centro da faixa e no broche da roseta. A outra alteração é uma costura quase imperceptível da fita verde com a amarela. A composição do tecido, sem a costura, como é na faixa anterior, só é produzida na França.

MARCIA GOMES

Repórter do Jornal de Brasília